

Rangel:

Ha morte em casa. Aproveito para esta cartinha o vacuo que vai do ultimo suspiro ao enterro. Ando em atrazo contigo_ mas é que o tempo encurtou-se-me depois que casei. Aquelas horas vagas que em solteiro eu empregava na boemização espiritual, já lendo, já devaneando ou escrevendo, a esposa absorve-as. Quem casa adquire sombra_ e sombra é sombra. As mulheres são seres colantes e como fugir aos seus manejos? E depois não querem saber de literaturas_ têm ciumes dos livros que lemos, julgam-se lesadas com a meia hora que o marido lhes rouba para cartejar com um amigo. E como são praticas e positivas as mulheres! Como se entendem lá entre si quando é caso de doença, quando ha casamento ou alguém morre! Enfermeiras natas, casamenteiras natas, lidadoras natas de defunto...

Um homem desnorteia-se com o fenomeno morte. Larga-se da realidade presente e medita, inerte. Filósofa, em vez de lavar o defunto. A mulher faz tudo; arranja o morto, veste-o. Sabe qual é a toalete conveniente para a viagem ao Setepés. Sabe que as crianças se transformam em anjinhos e veste-as de cetim branco, com renda de filó e grinalda de flor miuda. (Eu era capaz de vesti-los de cetim violeta, sem renda nenhuma e grinalda de rosas amarelas; falta de senso do certo).

A morta da casa é uma cunhadinha_ Heloisa_ de 7 anos. Vi tudo. Vi a ciencia infusa feminina em ação. Não ha o que não saibam, as danadas. Sabem que se deve pôr nas faces do defunto um lenço embebido em agua de Colonia_ “para não pretejar”. Sabem que entre os labios é bom pôr um chumacinho de algodão_ “porque pode subir alguma espuma”, etc. E têm toda uma filosofia pratica de grande comodidade, com a qual se consolam e consolam os outros: “Acabou de sofrer; agora é que ela está feliz. Vai para o céu, lá com Deus”. “Que inveja tenho dela! Quando chegar ao céu, Deus não achará *isto* de pecado na coitadinha!” e marcam o “isto” na unha.

Tudo previsto, determinado, fixo. Enquanto o homem engasga-se com filosofias e oscila de Büchner a Pascal, elas praticam com a maior simplicidade d'alma essa filosofia da comodidade chamada Religião. Ingenuamente felizes!

Ricardo escreve da Italia uns cartões ardentes de saudades. Candido já chegou e andou por cá uns dias_ todo gravatas, todo roupas inglesas e aquele ar de bondosa indulgencia rica para com os bororós. Com ele tambem chegaram uns tantos elegantes, caras conhecidos do Largo do Rosario, metidos em coletes ruidosos, mas zerissimos por dentro. Que nada faz aos espiritos pequenininhos uma viagem pelo Velho Mundo! Nada vêm do que ha lá de excelente_ nem os rumos da arte, nem o estuar da ciencia,

nem a sororóca da Ordem em vias de desabamento. Ha sempre uma Ordem condenada a naufragar, porque ha sempre uma Ordem Nova Que Vem Vindo. Nada disso eles pescam_ mas trazem noticias do hotel X, “o unico onde se come em Paris”_ e do alfaiate Z, “o unico que sabe fazer uma gola”_ e da Polaire, a unica uma porção de coisas_ todo dum *dernier cri* já do tempo do Pitecantropo Erecto. O Candido, que é o Candido, insignificantiza-se quando está com eles. Vamos ver como volta o Ricardo. Anda em Florença, e baboso.

Adeus. A choradeira está muito grande. Impede-me de continuar.

LOBATO